

Fazendo Vídeos no Colégio Ottília: Tecnologia e Arte como ação coletiva

Júlio César dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – campus Goiânia

Luiz Ernesto Merkle

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – campus Curitiba

Resumo: Este artigo é o resumo da dissertação de mestrado de mesmo nome, e aborda a produção de vídeos no âmbito de uma escola pública, partindo da concepção da pesquisa como prática social tendo como aporte teórico os estudos da cultura, da arte e da tecnologia como ação coletiva, com ênfase nos processos de ensino-aprendizagem. Nesta pesquisa o estudo se concentra na prática de fazer vídeos por um grupo de alunos de uma escola pública, com o objetivo de encontrar algumas evidências das implicações geradas por tal prática como construção simbólica e ruptura de determinadas situações impostas pelo cotidiano. Entre as evidências encontradas figuram a busca pela inserção social, e a ampliação da reflexão crítica, quando as pessoas envolvidas na prática passaram a questionar suas posições na construção de suas identidades, reflexo e refração do contexto em que estão imersas.

Palavras-chave: tecnologia, educação, vídeo, prática, ação coletiva.

Abstract: This article is a summary of the MSc dissertation which has the same name and addresses the production of vídeos at a public school, based on studies of culture, art and technology as a collective action, with emphasis on the teaching-learning processes. This research study focuses on the practice of making videos by a group of students at a public school, with the goal of finding some evidence of the implications generated by such practice as a symbolic construction and disruption of daily life. The evidences founded included the search for social integration, and extension of critical reflection, when people involved in the practice began to question their position in the construction of their identities.

Key-words: technology, education, video, practice, collective action.

Introdução

O Vídeo, neste artigo, é traduzido como correspondente a cinema, e, como tal, tem sido abordado em estudos e pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, visto quase sempre como Arte e Cultura, ou seja, como uma manifestação ou expressão humana, sob os mais diversos pontos de vista, como por exemplo, de indústrias ou de escolas.

Compreendido como uma linguagem ou arte audiovisual, o vídeo se faz presente nos conteúdos curriculares propostos dentro do processo de ensino-aprendizagem das escolas, sob três aspectos fundamentais: produzir (fazer), apreciar e interpretar (PCNs, 2002, p.180); definidos como experiências prática, estética e teórica passíveis de levar o aluno-aprendiz a uma compreensão mais

profunda do mundo em que vive, bem como de si mesmo e de suas relações sociais.

Entretanto, dentre os estudos que relacionam Cinema (vídeo) e Educação, encontra-se uma ênfase significativa nos dois últimos aspectos do processo de ensino-aprendizagem – o apreciar e o interpretar, deixando o fazer num plano secundário, em função (possivelmente) das aparentes demandas tecnológicas e financeiras que o cinema exige para ser produzido e veiculado.

O panorama contemporâneo alterou de maneira radical esta situação, ao facilitar o acesso à tecnologia pelo barateamento dos custos envolvidos, bem como pelas políticas públicas que têm viabilizado às escolas públicas o acesso a alguns equipamentos necessários para se fazer cinema, como computadores, e o vídeo passa a representar uma possibilidade mais popular de se fazer cinema.

Este estudo, sustentando-se por esta premissa e buscando preencher a lacuna percebida em relação ao fazer cinema na escola, propõe-se a estudar esta prática na situação de uma escola pública, visando contribuir com novos estudos na convergência cinema-educação.

O projeto

Em hipótese, o uso do cinema (vídeo) na pesquisa implica alterações significativas nesta prática, seja na tomada de decisão metodológica por parte do pesquisador, seja pelo questionamento da validade científica dos dados obtidos por tal meio ou dos resultados atingidos com sua análise.

E ainda, infere-se que o audiovisual, notadamente o cinema, que neste trabalho aparece na forma de vídeos, com suas linguagens, códigos e tecnologias pertinentes, é uma manifestação cultural que demanda uma atenção mais profunda da parte dos educadores por orientar maiores estudos do seu papel nas mediações sócio-culturais. Questionar as motivações que levam à prática de fazer vídeos numa escola pública pode contribuir para que se aprofunde a compreensão da realidade (subjetiva e objetiva) e do mundo, isto dito no campo da filosofia, antropologia, sociologia, história, psicologia, arte, da cultura, da tecnologia e, neste caso, da própria educação.

Estado da arte

Desde o seu surgimento, em fins do século XIX, o cinema, principal antecessor do que se convencionou chamar “audiovisual” (Machado, A. 1997), culturalmente falando, tem sido considerado como um veículo de expressão, mas, também, como um registro da realidade factível. Os primeiros filmes poderiam, grosso modo, ser chamados de *documentários* (no Brasil, foram chamados *vistas*), uma vez que se limitavam ao registro de um determinado evento ou paisagem. Já nos primeiros anos tiveram início as produções ficcionais e, o cinema se tornou um *contador de histórias*, papel desempenhado antes pela literatura (principalmente), teatro, a ópera, a música popular etc.

Alguns autores citam o antropólogo francês Félix Regnault (?) como autor do primeiro filme etnográfico (1895); outros, o sociólogo escocês John Grierson (1898-1972), que empregou o termo “cinema etnográfico” já em 1926. Em 1933, tem-se notícias do que foi considerado o primeiro filme intencionalmente etnográfico, realizado pelo antropólogo francês Marcel Griaule (1898-1956), documentando os modos de vida do povo Dogon, na região central de Mali, no oeste africano. A ele, seguiram outros pesquisadores, como: Margaret Mead (1901-1978); Gregory Bateson (1904-1980); Jean Rouch (1917-2004), apenas para citar alguns dos pioneiros da Etnografia que utilizaram o cinema como suporte técnico para suas observações em campo (PEREIRA, 1995; AUMONT, 2003; NICHOLS, apud BAGGIO, 2005).

Entre os primeiros cineastas, que realizaram filmes documentais, figuram o norte-americano Robert Flaherty (1884-1951), o russo Dziga Vertov (1896-1954) e o francês Jean Vigo (1905-1934); mas, estes não eram pesquisadores, ou antropólogos; seus trabalhos tinham como objetivo principal o registro tal qual a realidade se apresentava (PEREIRA, 1995). Entretanto, cada um deles acabou por conferir a seus filmes uma marca muito pessoal, o que será abordado posteriormente na busca de uma definição mais aprofundada do gênero documentário.

Com o surgimento da televisão e, posteriormente, do vídeo, as ferramentas audiovisuais tornaram-se mais acessíveis, e outros pesquisadores, além de etnógrafos da Antropologia e Sociologia, fizeram uso delas em seus

trabalhos em outros campos: Comunicação, Arte, Psicologia, Medicina, Engenharias, e ainda, Administração. Historicamente, a tecnologia do vídeo representa uma revolução para o audiovisual.

Como instrumento científico, o cinema (vídeo) suscita discussões quanto a seu uso na produção de dados e evidências, passíveis de serem academicamente legitimadas, e isto não apenas no âmbito da pesquisa social. Mas, além das indagações suscitadas por suas propriedades técnicas, vem à tona um questionamento ainda mais profundo quando se refere ao papel que pode desempenhar nas interações sociais, como um artefato cultural produtor de linguagem; ou seja, como um instrumento mediador de relações intersubjetivas.

Destaca-se, em função dos objetivos e objetos deste trabalho, o âmbito educacional, no qual o cinema, a televisão e o vídeo, fundidos no termo audiovisual, têm, atualmente, sido considerados como um recurso didático eficiente e “fundamental”, apontado como um dos “modernos” métodos contemporâneos para transmitir conteúdos programáticos de forma criativa e também suscitar processos críticos. Um exemplo desta proposição pode ser evidenciado pela última grande reforma do ensino brasileiro (vide LDB 9.394, de 20/11/1996), na qual foi configurada uma nova divisão do conhecimento, a ser ensinado nas escolas de ensino fundamental e médio, por áreas, em número de três; e na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, o audiovisual aparece posto, não apenas como um recurso didático, mas, como todo um complexo sistema simbólico a ser apreendido pelos estudantes. Como recurso didático, tornou-se corriqueira a exibição de audiovisuais, e entre eles o filme, nas salas de aula ou em outras atividades curriculares extraclases.

No audiovisual, via de regra, encontram-se presentes todas as formas de manifestação artística, em suas múltiplas linguagens. Podendo ser definido tanto como híbrido quanto como interdisciplinar, sua produção compreende a interação e interpenetração de materiais, suportes, sujeitos e meios, construindo o que se poderia chamar de um objeto transdisciplinar, seja ele um filme, vídeo ou animação. Foi justamente a partir desta percepção que se chegou à proposição deste projeto de pesquisa com foco na aprendizagem de

conteúdos e conceitos, na educação formal, não-formal e informal; tendo na experimentação a sua base construtiva, e como suporte a arte, neste caso específico, representada pelo vídeo.

Outras pesquisas se detiveram na análise do audiovisual em suas variáveis relacionadas à linguagem produzida pela tecnologia do cinema, televisão ou vídeo.

Uma das possibilidades exploradas nestes trabalhos se orienta no sentido de fornecer a educadores e professores algum conhecimento teórico, e prático, sobre o audiovisual, como um recurso de que podem se utilizar em sala de aula. São incentivados a exibir filmes de ficção, documentários, animações e palestras gravadas, da mesma forma como se utilizam de livros ou do quadro verde. Geralmente procedem como se os filmes fossem meios de transmitir conhecimentos com um pouco mais de sofisticação. Como na produção de outras mídias, poucos são os que se arriscam a acompanhar seus alunos na produção de algum tipo de objeto audiovisual que venha a lhes servir de pretexto provocativo a uma discussão aprofundada sobre suas condições e experiência de vida, sonhos, fantasias, concepções ou, idéias sobre si mesmo, seus cotidianos ou suas culturas.

Fazer cinema, seja sob a forma de filmes ou vídeos, é, de fato, uma prática que alguém minimamente aparelhado (técnica e tecnologicamente), pode realizar. É preciso considerar, entretanto, o sem número de implicações geradas em função de seus realizadores e sujeitos envolvidos, da tecnologia e técnica, da situação e momento no qual se processa. Fazer um vídeo doméstico de uma festa de aniversário, ou de um passeio à praia com amigos pode parecer bastante distinto de se realizar um filme de ficção, um documentário etnográfico, ou um vídeo publicitário, mas, em princípio, trata-se de cinema, são antes “refrações e reflexos” (BAKHTIN, 1992) em um tema, pontos situados num determinado contexto.

As produções alternativas encontram espaço para exibição e veiculação de seus filmes e vídeos em cineclubes e sites da Internet, o que minimiza enormemente os investimentos em distribuição. Sites como o “youtube” são

cada vez mais numerosos, e, podem-se encontrar cineclubes em organismos públicos e privados de diversas naturezas.

Por estes e por outros motivos é possível encontrar a prática de fazer cinema em lugares como favelas, associações culturais, organizações não governamentais, movimentos políticos, salas de aula, ou em pequenos grupos de cinéfilos; seja como uma forma de manifestar opiniões, guardar memórias, ou por simples diversão.

Neste panorama, inclui-se a especificidade do estudo proposto por esta pesquisa: a prática de fazer cinema por um grupo de pessoas que, a partir do contexto de uma escola pública, decidiu fazer, e tornar público, um vídeo-ficção (Os cocô-rangers, episódio 1) e um vídeo-documentário (Ottília: múltiplos olhares), a que se pode chamar genericamente de vídeos ou filmes; configurando duas situações distintas que se passam num mesmo contexto, cada uma delas possibilitando uma vivência diferenciada, mediada pela tecnologia.

Questiona-se: O que pode significar, social e culturalmente, a prática de fazer vídeos por, e para, essas pessoas, nessa comunidade em que vivem, e, por extensão, para o todo da sociedade?

Estudos e publicações

A relação Cinema-Educação tem sido explorada por diversos estudiosos e, mas ainda se encontra certa dificuldade quando se trata de uma bibliografia voltada especificamente para a produção de filmes, ou vídeos. Com a finalidade de estruturar este texto subdividiu-se as obras acessadas até o momento, por este pesquisador, em três grupos: a) teorias da linguagem do cinema, vídeo e televisão; b) implicações das tecnologias audiovisuais (em todas as suas dimensões) em diversas esferas (social, cultural, política, educacional etc); c) manuais de uso orientado das tecnologias audiovisuais para áreas diversas (comunicação, educação, entretenimento etc.).

No primeiro grupo encontram-se obras referentes à teorias da linguagem e história do audiovisual, notadamente do cinema. Estas obras foram acessadas com fins a construir um aporte teórico quanto à linguagem

cinematográfica que se adaptasse à especificidade educacional, o que demandou adequações nem sempre satisfatórias em função das diferenças entre o cinema que se produz profissionalmente e aquele que se pretendia incluir nos processos de ensino-aprendizagem da educação básica.

No segundo, situam-se publicações nas quais se buscam elucidar os efeitos que a linguagem audiovisual pode provocar na vida das pessoas, independentemente mesmo de sua consciência.

E, no terceiro grupo, figuram: Cinema e Educação (DE SÁ, 1967); O ensino através dos audiovisuais (GIACOMANTONIO, 1981); Grande manual do vídeo (HEDGECOE, 1992); Lectura de imágenes (APARICI & GRACÍA-MATILLA, 1998); On vídeo (ARMES, 1999); Como usar a televisão na sala de aula (NAPOLITANO, 1999); Novas tecnologias e mediação pedagógica (MORAN, MASETTO & BEHRENS, 2000); A televisão na escola: afinal que pedagogia é esta? (ESPERON PORTO, 2000); O cinema e a produção: para quem gosta, faz ou quer fazer cinema (RODRIGUES, 2002); Como usar o cinema na sala de aula (NAPOLITANO, 2003); nos quais se apresentam algumas diretrizes para o uso do audiovisual como um recurso didático-pedagógico diferenciado, em que se correlacionam Cinema e Educação.

Na configuração deste estado da arte, a pesquisa concentra-se na literatura orientada para o âmbito educacional, voltada para o trabalho do professor em sala de aula, na qual se encontram as obras referidas, principalmente do terceiro grupo. Nesta bibliografia ficou evidenciado que quase todos os autores se orientaram acentuadamente para dois aspectos: a apreciação estética e a interpretação crítica de obras audiovisuais (cinema, vídeo e televisão), considerando-se suas características como arte e/ou recurso didático, donde se podem apreender conteúdos de diversas disciplinas como uma espécie de experiência não vivida, como é o caso da utilização de filmes em aulas de história, geografia, ou língua estrangeira.

Escapam à regra, Moran, Masetto & Behrens, quando defendem, além da apreciação e reflexão crítica, a prática do fazer como elemento fundamental do ensino-aprendizagem da linguagem. Segundo eles: “Adquirir habilidade na linguagem significa ter, ao mesmo tempo, adquirido a lógica e a sintaxe que

estão inseridas nessa linguagem” (2000, p. 19), e que para tanto é necessário tanto a reflexão quanto a ação, a experiência e a conceituação, a teoria e a prática, quando ambas alimentam-se mutuamente. (2000, p.23).

Mas, mesmo nas proposições de Moran (1995) não se encontra muito incentivo a que se utilize o fazer vídeos (cinema) como forma de mergulhar na construção simbólica, na ação prática como manifestação cultural. É justamente nesta lacuna que esta pesquisa pretende se inserir, como forma de contribuir na ampliação desta reflexão, acreditando-se que o aprendizado de uma linguagem se dá com mais propriedade quando se aprende a produzi-la utilizando-se de seus códigos e tecnologias.

Em resumo, o que se propõe evidenciar através desta pesquisa é: *por que essas pessoas fazem filmes a partir do contexto de uma instituição educacional pública; e, como se dá esta prática nestas circunstâncias, como resolvem os impasses e administram as implicações conseqüentes desta prática? E, além disso, de que modo está prática contribui para a construção simbólica de suas identidades e da cultura na qual estão imersos e da qual emergem?*

A metodologia

Estas questões apontam para um “estudo de caso” (YIN, 2005) e, ao mesmo tempo, apresentam características de um “contínuo biográfico etnográfico” (JOHNSON, CHAMBERS, RAGHURAM & TINCKNELL, 2006, p. 201-224), ou ainda, de uma “etnologia” (GEERTZ, 1989); particularidades que demandam posturas diferenciadas, na busca de inserir-se nos estudos da cultura.

Afinal, qual o sentido desta prática, no contexto peculiar de uma escola pública, no caso o Colégio Otília? Que significações são produzidas a partir da intersubjetividade que emerge nas relações, afetivas e culturais, entre estas pessoas e organismos que se constituem por afinidade ou a propósito de; e de que modo elas atuam sobre o cotidiano dos envolvidos? Que modos de agir são reproduzidos, ou rompidos, ou ainda, transformados, a partir da prática de fazer vídeos nesta localidade?

A partir destes questionamentos, conclui-se que este é um “estudo de caso único incorporado” (YIN, 2005, p.32), por se constituir de um só contexto no qual se podem delimitar múltiplas unidades de análise, compostas por: a) o contexto; b) os grupos envolvidos; c) os sujeitos em seus papéis destacados; e, d) a prática de fazer vídeos.

Neste trabalho optou-se por identificar os sujeitos (indivíduos ou organismos sociais), em função de que um dos principais objetos considerados como evidência para o estudo é constituído por um documentário videográfico, no qual já se encontram identificados todos os elementos da pesquisa; pelo reconhecimento ao engajamento pessoal de todos os participantes; e, por esta pesquisa pretender localizar-se no escopo dos estudos da cultura, orientada por autores ligados aos Estudos Culturais.

As teorias

O uso de tecnologia ou o fazer arte como uma ação coletiva, é considerado como Williams (2007), que algumas produções humanas ultrapassam o valor utilitário e artístico, mas não deixam por isso de ter valor cultural, justamente por se constituírem de atos que envolvem múltiplos agentes. Ao dizer que a arte e a tecnologia são práticas coletivas, se considerou algumas possibilidades: a) que a tecnologia e a arte se produzem por um coletivo de indivíduos; b) que são mediadores de uma prática que só se realiza quando se considera um produtor, um produto, uma produção e um destinatário para o que se produz; c) que a tecnologia e a arte se constituem por um conjunto de instrumentos e/ou materiais; d) que se dão historicamente como produto de um processo em que agem diversos elementos e indivíduos; e, e) que se produzem a partir de diversos materiais, cada um, produto de uma atividade diferenciada que ao final se juntam num outro, produto ou atividade, resultante, soma ou amálgama dos anteriores, uma espécie de trans-produto, que contém de alguma forma os demais, mas possui características próprias que o definem como único: o cinema-vídeo.

Compreende-se, assim, que o vídeo se trata de uma manifestação cultural por envolver um conjunto de atividades e práticas distintamente humanas, simbólicas, que ultrapassam a materialidade dos objetos produzidos,

e englobam tanto a produção quanto o próprio produtor, o que nos leva às proposições de Clifford Geertz (1989) quando este propõe uma “interpretação das culturas”, defendendo a idéia de que a cultura é uma ação simbólica, e que a preocupação analítica do pesquisador deve ser o “significado”. O que deixa claro que o vídeo é aqui visto como tecnologia, arte, linguagem e cultura.

O estudo de caso

O Colégio Estadual Professora Ottília Homero da Silva está localizado no bairro Jardim Amélia, na cidade de Pinhais, zona metropolitana do município de Curitiba – Paraná, e a princípio se apresenta como uma escola pública como outra qualquer, a não ser pelo fato, de que um grupo de alunos, parte de sua comunidade interna, aventurou-se a produzir e publicar (via internet) um pequeno vídeo-ficção. Este pequeno grupo de alunos se auto-denominou Gordo & Lapi Produções, e seu filme: “Os côco-rangers, episódio 1”, uma paródia da série televisiva “Os Power-rangers” exibida pela televisão comercial aberta, e, da existência de um grupo de estudos denominado “Camélia”, no qual os alunos desenvolviam atividades extra-curriculares como debates, visitas e manifestações estudantis reivindicatórias de diversas modalidades.

A partir da detecção da existência destes grupos de alunos, e das condições da comunidade em questão, propôs-se a produção de um segundo objeto audiovisual, desta vez, um vídeo-documentário sobre o próprio Colégio Ottília, que recebeu o nome: “Ottília: múltiplos olhares”, o qual se compunha do histórico da criação da escola, a explicação do porquê da escolha do nome do estabelecimento e a situação atual em que se encontrava.

Este trabalho foi realizado a partir da realização de uma oficina de audiovisual no interior da escola, e a partir dela se pode colher as evidências referidas anteriormente, e realizar a pesquisa proposta. O resultado do trabalho foi apresentado sob a forma de filme para toda a comunidade, da escola e do bairro, e recebeu inúmeras contribuições ao provocar o debate sobre a realidade da escola e seu papel social na localidade mencionada.

A participação do diretor, dos professores, alunos, funcionários, do pesquisador e comunidade em geral gerou alguns desdobramentos que

merecem destaque, entre eles, a criação da TV Conexão Camélia. Um programa de TV experimental criado pelos alunos veiculado no site youtube, onde tratam de diversos temas de seu interesse. Este material está disponível num blog criado pelo grupo Camélia.

As sugestões apresentadas pelo coletivo configuraram-se no nome “Ottília: múltiplos olhares”, que traduz de forma clara o sentido de diversidade e multiplicidade de olhares que os produtores do documentário. Assim, como bem o definiu uma das alunas participantes: “(...) o colégio não será mais o mesmo, depois de o virmos de vários olhares, depois que virmos sua verdadeira face. Ottília: o meu, o teu, o nosso colégio”.

Considerações finais

Em síntese, pode-se se aferir que a prática de fazer vídeos numa escola pública pode contribuir para que envolvidos se posicionem de forma mais comprometida com um processo de ensino-aprendizagem que busque envolver a efetivamente a comunidade a qual produz e na qual está inserida, percebendo-se como sujeitos desta ação coletiva mediada por uma tecnologia determinada, mas nunca isolada em si mesma.

O Colégio Ottília não é apenas um exemplo, é uma clara demonstração do quanto se pode realizar a partir do envolvimento e participação consciente e ativa da coletividade. Não há uma ação isolada, está respaldada por propostas do Governo, representadas em leis e projetos político-pedagógicos e conta com o engajamento de seus profissionais, alunos e comunidade-contexto.

Assim, pensa-se que esta pesquisa tenha contribuído para ampliar o leque de discussões acerca da prática nos processos de ensino-aprendizagem mediada pela tecnologia, e também, nos processos de construção de identidades subjetivas e culturais, através da construção social do conhecimento. E que esta construção social se dá pelos modos de pertencimento e negociação de significados que se realizam através da linguagem, esta mesma linguagem que só pode ser construída na interação.

A percepção da pluralidade de pensamentos, vozes, e falas, tanto de indivíduos quanto de organismos sociais; da identidade como performativa e

apreensível em função das práticas culturais; dos atos de responsabilidade (como resposta) que se realizam a partir do comprometimento (como ação engajada num objetivo coletivamente construído) com as próprias práticas realizadas; tudo isso pode ser bastante útil para a re-leitura de currículos e orientações educacionais que se propõem engajadas no “papel”, mas que ainda se mostram distanciadas da prática em sua realidade cotidiana.

Como experiência pessoal, o que se tornou mais evidente foi a ação coletiva da criação, no sentido de, como professor, pesquisador e criador, estar junto com os demais percebendo-os também como professores, pesquisadores e criadores, de ocupar uma posição entre “iguais”, a posição de aprendiz/aprendente, algo assim como “criar” correspondendo a “crer”, ou numa metáfora, como na imagem criada por Moebius para representar o universo, uma banda em forma de um “oito” deitado (∞), em que não é possível determinar um princípio e um fim. O infinito como um movimento permanente. Até onde fui eu quem ensinou? Até que ponto foi eu quem aprendeu? São perguntas que eu não saberia responder, nem gostaria, pois é justamente a partir delas que me mantenho atento ao papel que me proponho desempenhar na educação, e neste caso, o vídeo é o suporte.

Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais:** ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. **Decreto nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23/12/1996.

SANTOS, Júlio César dos. **Fazendo vídeos no Colégio Otília:** tecnologia e arte como ação coletiva. 2008. 184f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

Júlio César dos Santos

Mestre em Tecnologia, pelo Programa de Pós Graduação em Tecnologia - PPGTE, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR (2008). Graduado em Comunicação Social pela UFG (1994), especialista em Educação à Distância, pela UnB (2001). Trabalha como professor de Artes, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFGoiás, desde 1995. Atua na área de Artes e Comunicação, com ênfase em Teatro, Cinema e Vídeo, e Estudos Culturais.

Luiz Ernesto Merkle

É professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde atua como docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE), onde desenvolve pesquisas interdisciplinares em Tecnologia e Sociedade. É líder do Grupo de Pesquisa em Design, Arte e Cultura (DArC), fundador da Comunidade Yguá de Pesquisa em Tecnologias Livres, e participante do Grupo de Estudos em Ciências Humanas e Tecnologia (CHTS). Possui doutorado em Ciência da Computação (2002) pela the University of Western Ontario, Canadá, em pesquisa que abordou as relações disciplinares e semióticas nas áreas de Informática e Interação Ser Humano Computador, mestrado em Informática Industrial (1992) pela UTFPR.

